

A FAMÍLIA GRUPPELLI E OS OBJETOS DO MUSEU RELACIONADOS AO AMBIENTE RURAL

LILIA WALTZER RODRIGUES¹; NATHÁLIA DA SILVA BENITO²; LUCAS ZUCHOSKI CEGLINSKI³;
FRANCISCA FERREIRA MICHELON⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – liliawaltzer1@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – nath.hsb94@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – lucaszce@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – fmichelon.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho desenvolveu-se como uma das atividades previstas nas etapas do projeto “Museus de ruínas em paisagens rurais: patrimônio industrial na microrregião de Pelotas/RS” apoiado na Chamada CNPq No 09/2022, coordenado pela Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelon e no qual a primeira autora é bolsista no Programa de Iniciação Científica CNPq. O texto resume um estudo sobre a história da família Gruppelli e sobre os objetos relacionados ao trabalho e à vida da família e da região rural, que integram o acervo do Museu Gruppelli. Os proprietários da casa onde se encontra o Museu e os mantenedores do mesmo são a própria família.

O Museu Gruppelli está localizado na Colônia Municipal, no 7º Distrito da zona rural de Pelotas/RS, distante cerca de 45 minutos do centro da cidade. Faz parte de um empreendimento familiar, que se mantém presente há mais de 140 anos.

Atuam no setor de comércio e turismo, oferecendo além da tradicional hospitalidade, produtos e gastronomia colonial, pousada, museu histórico e local de lazer. É um local muito emblemático na área rural da cidade e graças ao evidente cuidado de várias gerações conseguem manter antigas atividades. No passado, tiveram uma fábrica de vinhos e na sequência, uma fábrica de compotas.

O museu, situado na propriedade da própria família, guarda artefatos que constituem testemunhos materiais de práticas cotidianas, modos de produção e do trabalho rural. Assim, o museu e seus objetos se articulam como narrativas da ruralidade, entre experiências individuais e coletivas na região.

A história da família é compartilhada com a de muitos imigrantes italianos que se instalaram na região. Afastado do centro urbano, tirando da terra que ocupavam o sustento diário, essas famílias tiveram que desenvolver o domínio sobre muitos modos de produção, adquirindo autossuficiência na produção de alimentos e no cultivo agrícola. A região produzia vinho, farinha, frutas e conservas, com exemplar aproveitamento máximo dos excedentes. Em depoimento prestado à pesquisa, Ricardo Gruppelli, quarta geração da família imigrante, relatou que esse meio rural produtivo, sustentável e organizado fez de Pelotas ser conhecida como “cidade dos alimentos”.

A produção agrícola de frutas e leguminosas gerou excedente que acabou originando a indústria familiar de conservas. Pêssego, morango, figo, ervilha e tomate, eram fabricados em conservas que a dado momento foram exportadas, inclusive para a Alemanha. As técnicas de preservação incluíam armazenamento de ovos em cal e uso sustentável de recursos naturais.

Como relata Ricardo Gruppelli: “essa região aqui foi praticamente autossuficiente, se produzia quase tudo, desde vinho, farinha, e aqui produzia mais ou menos uns 15 mil litros, 20 mil litros de vinho”. Segundo o depoente, ainda se produz vinho para consumo familiar.

O espaço inserido na paisagem rural, abriga um restaurante integralmente operado pela família e na casa ao lado, situa-se o Museu Gruppelli. A casa que abriga o Museu era, antigamente, tanto a fábrica de vinho quanto uma hospedaria, usada em qualquer parte do ano por vendedores ambulantes que atravessavam as zonas rurais das cidades vendendo os produtos que ali não se tinha (sal, açúcar, café etc) e comprando outros que eram vendidos nas cidades. Nas épocas de verão, famílias veranistas ocupavam a hospedaria e então promoviam festas e bailes, inclusive de carnaval. A hospedaria oferecia pensão completa: café da manhã, almoço e janta e é possível dizer que a pousada consolidou o restaurante, grande atrativo turístico rural da região. A vinícola, que funcionou durante muito tempo, utilizava tanto a mão-de-obra como os insumos locais.

Sobre os objetos que fazem parte da história da família e região, o pensamento de Schumacher (1983) contribui para compreender as tecnologias presentes no acervo por meio do conceito de tecnologias intermediárias, que privilegia soluções simples, de baixo custo e adaptadas às condições locais, sobretudo em contextos de economia comunitária. Sua proposta representa uma crítica ao modelo de desenvolvimento centrado em tecnologias de grande escala, ao defender alternativas em “escala humana”, pautadas pelo respeito ao meio ambiente, pela valorização da autonomia das comunidades e pela adequação às realidades socioculturais. Nesse sentido, os objetos do Museu Gruppelli podem ser entendidos como expressões dessas tecnologias: muitos foram concebidos por mãos locais, com materiais disponíveis na região, e utilizados de forma integrada ao cotidiano das famílias rurais; outros chegaram de regiões específicas em circunstâncias ocasionais.

Ao serem preservados no espaço museológico, tais objetos não apenas testemunham práticas do passado, mas também oferecem à contemporaneidade exemplos de modelos sustentáveis e comunitários de produção e trabalho.



Figura 1 - Foto Antiga da Casa Gruppelli Fonte:Facebook da Casa Gruppelli



Figura 2 - Acervo do Museu Gruppelli, sessão vinícola Fonte: Fotógrafa Katia Helena Rodrigues Dias

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, mas utiliza os acervos dos museus como fonte documental. Empregou, também, a coleta de depoimentos de Ricardo Gruppelli, e outros que compartilharam informações sobre a história da família e da região. Essa metodologia dialoga com as metas do projeto “Tecnologias antigas e atuais em culturas tradicionais ibero-americanas: sustentabilidade de paisagens

históricas da produção”, que busca compreender o papel dos objetos na vida comunitária. Desse modo, a metodologia envolve levantamento documental e observação direta do acervo, com atenção às narrativas associadas aos objetos e às histórias das famílias e de sua relação com o território. Também foram feitos registros fotográficos, pesquisas em fontes primárias e secundárias, além da comunicação com a família e visitas à região.

4. CONCLUSÕES

Os objetos que se encontram no Museu ou pertencem à família ou foram doados por pessoas da comunidade. O Museu é mantido por um projeto do curso de Museologia da UFPel e integra o Circuito dos Museus Étnicos (<https://wp.ufpel.edu.br/museumaciel/circuito-de-museus-etnicos/>), resultado da parceria entre UFPel e Prefeitura Municipal. Hoje, dos quatro museus implantados por projetos da UFPel funcionam o Gruppelli e Museu de Morro Redondo. O Gruppelli é um caso particular que se sustenta pelo turismo rural ancorado no restaurante e no armazém. O Museu abre aos finais de semana e em feriados, acompanhando a agenda do restaurante. Aspectos curiosos e reveladores do papel que o Museu exerce nessa comunidade podem ser apreendidos em fatos que eventualmente são relatados, como o quarto do andar superior, não ocupado, no qual há um grande número de máquinas de costura antigas. Muitas delas foram simplesmente deixadas na porta do Museu em momentos que esse se encontrava fechado. Muitos objetos carecem de identificação e tamanha é sua singularidade que a própria função não é esclarecida. Outros objetos, menos repetidos, são apenas descarte. Outros, decorrem de emocionadas doações. Fato é que todos eles são testemunhos de histórias e memórias dos que habitam ou habitaram o local e se encontram guardados neste Museu é porque são capazes de indicar a singularidade do lugar e das pessoas que ali fizeram suas vidas. O museu, nesse sentido, se torna não apenas um guardião de objetos, mas um espaço de reflexão sobre a vida rural e sua continuidade no presente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHUMACHER, Ernest Frederik. **O Negócio é ser Pequeno: um estudo de economia que leva em conta as pessoas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Sobre o Museu Gruppelli**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museugruppelli/sobre-o-museu/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Projeto Museu Gruppelli**. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u8962>. Acesso em: 2 abr. 2025.

BRAHM, José Paulo Siefert. **A musealidade no Museu Gruppelli: entre o visível e o invisível**. Pelotas: Dissertação - Programa De Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

VARINE, de Hugues. **O museu comunitário como processo continuado**. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 27, n. 41, p. 25-35, 2014.

MICHELON, Francisca Ferreira. **O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2019.